

Tempo e ancestralidade em Edimilson de Almeida Pereira / *Time and Ancestry in Edimilson de Almeida Pereira*

*Paulo Petronilio Correia**

*Adelaide de Paula Santos***

RESUMO

Pretendemos aqui discutir as noções de tempo e ancestralidade na escrita do poeta e crítico Edimilson de Almeida Pereira. Um ensaísta e pensador negro que tem nos permitido, a partir de sua literatura-encruzilhada, tensionar e rasurar não somente a crítica hegemônica, bem como o discurso autorizado da supremacia branca, canônica. Sua crítica-poética tem nos possibilitado, a partir de um olhar diaspórico, repensar novos rumos para a crítica e ampliar as lentes acerca da ancestralidade. Para esse movimento, focaremos em suas obras *O ausente* (2020) e *Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira* (2022); como *corpus* teórico-epistemológico daremos enfoque à concepção de tempo e ancestralidade, tal como foi problematizada pela nossa ancestral Leda Martins (2021), a partir do ponto de vista espiralar, Eduardo Oliveira (2023) em seu regime estético-ancestral, bem como a “literatura- terreiro” forjada por Henrique Freitas (2016) e desdobrada nas encruzilhadas teóricas e epistemológicas de pensadores como Muniz Sodré (2017) e Luiz Rufino (2019) que nos tem feito problematizar e expandir a crítica a partir da diáspora afro-brasileira oriunda dos terreiros.

PALAVRAS-CHAVE: Edimilson Pereira; Tempo; Ancestralidade; Encruzilhada; *O Ausente*

ABSTRACT

*The article intends to discuss the notions of time and ancestry in the writing of the poet and critic Edimilson de Almeida Pereira. A black essayist and thinker who has allowed us, based on his crossroads-literature, to tension and erase not only the hegemonic critique, but also the authoritative, canonical discourse of white supremacy. His poetic criticism has enabled us, from a diasporic perspective, to offset new rumors for criticism and broaden the lens on ancestry. For this, we will focus on his works *O ausente* [The Absent] (2020) and *Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira* [Orfe(x)u and Exunouveau: Analysis of an Afrodiasporic-Based Aesthetics in Brazilian Literature] (2022) as theoretical-epistemological corpus, we will focus on the conception of time and ancestry, as problematized by our ancestor Leda Martins (2021) from a spiral point of view, as well as on Eduardo Oliveira (2023) in his aesthetic-ancestral regime, and on the “terreiro-literature” [Sacred Ground Literature] forged by Henrique Freitas (2016), unfolded at the crossroads theoretical and epistemological ideas from thinkers such as Muniz Sodré*

* Universidade de Brasília – UnB, Campus de Planaltina, Planaltina, Goiás, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-2734-3359>; petrot@unb.br

** Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília – UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil; <https://orcid.org/0009-0000-6044-9748>; adelaidepaulaesritora@gmail.com

(2017) and Luiz Rufino (2019). These ideas have made us problematize and expand criticism from the Afro-Brazilian diaspora originating from terreiros [sacred grounds].
KEYWORDS: Edimilson Pereira; Time; Ancestry; Crossroads; O ausente

Encruzilhadas introdutórias

O que se propõe pensar aqui é como se dá a noção de tempo e como a ancestralidade se desenha na escrita complexa de Edimilson de Almeida Pereira, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, escritor, poeta, autor de livros infantojuvenis, ensaísta e crítico literário. O autor, Edimilson Pereira, nascido em 18 de julho de 1963, em Juiz de Fora, Minas Gerais, iniciou a sua trajetória como escritor em 1983, em um grupo de artistas chamado Abre Alas, de Juiz de Fora.

É importante salientar que a noção de tempo não se separa da ancestralidade. Se podemos evocar e convocar a ancestralidade em nós, é porque somos responsáveis pelo nosso tempo e pela linguagem que o atravessa. Ao longo de toda uma tradição ocidental a filosofia oriunda da Grécia nos apresentou *chronos*, isto é, um tempo cronológico e sequencial (tempo medido pela natureza) e *kairós*, que se traduz como uma fase indeterminada no tempo. O fundamento grego que emerge a partir do pensamento heraclítico era de que o tempo se traduzia sob o signo de uma criança que brinca, sendo o tempo a própria liberdade e instinto de jogo.

A partir desse lugar, nos dizeres de Peter Pál Pelbart (1998), os gregos já entendiam que ao lado de *Chronos* - esse tempo da medida, que fixa coisas e pessoas, que desenvolve uma forma e determina um sujeito, que constitui tempo pulsado, há um outro tempo que se chama *Aion*, que é um tempo sem medida, tempo indefinido, que não cessa de dividir-se quando chega, sempre já ali (o imemorial) e ainda o não ali (o inédito) sempre cedo demais e tarde demais, o tempo do “algo vai suceder” e simultaneamente “algo acabou de acontecer”, ou seja, esse tempo bifurcado, não métrico, não pulsado, feito de pura velocidade, que é um tempo flutuante que vemos na psicose, na poesia, no sonho, na catástrofe.

Recuando um pouco mais na tradição ocidental, poderíamos dizer que Heidegger (1998), pensador alemão, dá um giro ontológico e traz o tempo como modo de ser do *Dasein* (*Ser-ai*) do ser no mundo. Em sua compreensão fenomenológica, é a partir da temporalidade que se pode compreender a cotidianidade da existência. O ser-no-mundo

em seu complicado modo de ser, é projeto da história, pois é um ser jogado no mundo e construído pela temporalidade existencial e ontológica. Logo, para o pensador alemão, o ser não se compreende fora do tempo. É no tempo que o ser *ek-siste*, isto é, se projeta e se lança no mundo. Foi assim que o tempo metafísico reinou boa parte do pensamento, instaurando uma certa gramática fática que norteou o “*ser aí*” do homem no mundo. Foi essa concepção de tempo que já emergia, de certo modo, em Santo Agostinho, que atravessou, até certo ponto, o pensamento kantiano e alastrou boa parte do pensamento metafísico- ocidental, perpetuando o que Paul Ricoeur (1994) chamou mais tarde de aporia do ser e do não ser do tempo.

Ora, ao fazer emergir o tempo a partir de um olhar imanente, pensadores da diferença como Gilles Deleuze (2005), leitor de Bergson, nos faz pensar o tempo a partir da simultaneidade, da duração, onde os momentos temporais são interpenetrados, formando um todo indivisível. O tempo deixa de ser um ente metafísico, da clausura do ser, e revela toda sua força não mais no sedentarismo da consciência, mas no nomadismo e no devir da vida. O tempo deleuziano encontra na plasticidade e no movimento novas dobras e formas de reinvenção da vida, uma vez que se traduz sob o signo do acontecimento, pois é vivo, imanência, desterritorialização e puro devir.

O que se evidencia é que ficamos reféns de um tempo ocidental, cristão e cartesiano que nos permitiu olhar o mundo a partir de uma retidão cosmológica, oriunda de um tempo marcado pela visão (a cosmovisão), isto é, uma perspectiva ontológica de tempo, que dramatizou um certo binarismo, que é próprio da tradição ocidental tal como ser e não-ser, ser e ente, velamento e desvelamento, figura e fundo, visível e invisível, somente para citar alguns exemplos da tradição oriunda da representação clássica do tempo que perpassa a tradição.

Ao tentarmos descolonizar, alargar, rasurar e colocar em xeque essa noção de tempo ocidental, podemos afirmar que vivemos um tempo desajustado, nômade, não-reconciliado e descontínuo. Um tempo que tentou sair da clausura, vazar da representação clássica. Um tempo deslocado que se ergue sob o signo da encruzilhada, e tem, sem dúvidas, Exu como potência e como possibilidade de reinvenção da vida. O tempo de Exu, nos atrevemos dizer, é o tempo da “cosmopercepção”, pois convoca todos os sentidos, polifonias, sabores, saberes e vozes em um complexo movimento de

desterritorialização¹ e reterritorialização. Em uma frase, tempo e ancestralidade são filhos do mesmo ventre.

Dito isso, devido à concisão e ampla formação de Edimilson de Almeida Pereira, sua escrita transita nos “terreiros” da sociologia, da antropologia e da literatura. Portanto, diante da extensão de suas obras, focaremos aqui na questão que nos conduz diretamente à temática principal que será problematizada, isto é, o enfoque do tempo e da ancestralidade. Para esse movimento, focaremos *O ausente* (2020), e *Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira* (2022).

Ora, por vezes, parece esvaziada a noção de ancestralidade. Afinal, o que a constitui? Se o futuro é ancestral, qual a sua relação com o tempo? Evidentemente que não iremos responder todas essas perguntas aqui por dois motivos: primeiro, que se trata de um problema extremamente complexo e que é impossível esgotar nessas linhas. Segundo, por acreditar que precisamos fazer sempre novas perguntas para não ficarmos na inércia e no sedentarismo do pensamento e sim, tornar o pensamento nômade, em constante devir e plasticidade para inventarmos novas possibilidades de vida. Talvez possamos ensaiar algumas ideias-força como respostas provisórias.

Para tentar responder mesmo que de forma provisória essas perguntas, a partir do ponto de vista do tempo espiralar, temos em mãos a intelectual Leda Martins, que foi de fato uma das pensadoras negras a pavimentar de forma cirúrgica e pontual esse terreno a partir da encruzilhada, espaço que se constituiu para ela como performático e que não cabe nos limites do tempo linear:

O tempo ancestral não se contém nos limites de uma linearidade progressiva, em direção a um fim e a um *páthos* inexauríveis, e nem se modula em círculos centrípetos fechados de repetições do mesmo (Martins, 2021, p. 206).

¹ A noção de desterritorialização aqui é assumida na perspectiva deleuzena, isto é, o tempo é um complexo agenciamento imanente-rizomático e, como tal, se afirma no nomadismo e na diferença. Trata-se de um tempo movediço, plástico, cheio de dobras que multiplica o pensamento ao infinito. Um tempo que foge de dicotomias ocidentais, como dentro e fora e clama para uma exteriorização absoluta, isto é, um fora não exterior. Por esse viés da encruzilhada, Exu, como inventor de seu próprio tempo, é a desterritorialização absoluta de tudo e de todos, uma vez que ele, sob o signo da encruzilhada, territorializa, desterritorializa e reterritorializa a um só tempo, se multiplicando ao infinito.

Dito isso, em Leda Martins, o tempo ancestral não se fixa em limites fixos e nem se repete em círculos fechados. Em Edimilson Pereira o tempo é ancestral, circular e se reproduz de infinitas formas. Portanto, reiteramos ainda que a questão é mais profunda e delicada, pois a ancestralidade, sob o signo da imanência, só pode ser pensada porque temos um corpo e este se dinamiza e revela suas atividades plásticas no tempo e no espaço.

De forma simples e sofisticada a nossa ancestral Leda Martins, ensina-nos: “O ancestral é acúmulo de conhecimento que abrange toda a existência em seu entorno, inclusive a natureza, da qual faz parte e na qual se nutre” (Martins, 2021, p. 205). Desse modo, segundo a pensadora do tempo espiralar Leda Martins, a ancestralidade está diretamente relacionada à sabedoria e à experiência de vida, abrangendo toda natureza e toda experiência acumulada.

Portanto, a ancestralidade é experiência encarnada que emerge da trajetória de vida de cada sujeito individual e eclode, por sua vez, na experiência coletiva. No entanto, Exu, como a boca individual e coletiva, é, de certo modo, a síntese dessa experiência, pois ele se ergue, a um só tempo sob o signo da individuação na individualidade e na coletividade, isto é, na experiência ancestral, o individual e o coletivo não se separam. Não existe um sujeito separado do objeto e nem a razão separada da emoção, como propôs o projeto colonial racista, cartesiano e desumano. A encruzilhada estilhaça as dicotomias, potencializa entrelugares, fronteiras e devires de toda ordem.

Avançando um pouco mais, poderíamos dizer, a ancestralidade se traduz a partir do “agora”, do que acontece na pura imanência da vida e para isso é preciso reconhecer toda vida coletiva vivida e experimentada a partir do imaginário. Nas práticas rituais do candomblé, por exemplo, a experiência de iniciação e a expressão “dar comida ao santo” ou “dar comida à cabeça”, traduz a complexidade do que é a ancestralidade, pois a ancestralidade, nesses termos, “come”, se alimenta e serve de alimento para outras cabeças, como uma teia movediça e plástica que nos conecta infinitamente com o outro, com o mundo e com nós mesmos.

Portanto, reconhecer o passado ancestral é fundamental para a busca de nós mesmos. Não à toa que ficou conhecida a expressão da feminista negra Jurema Werneck²

² Essa expressão “Nossos passos vêm de longe” ficou difundida no feminismo negro e foi forjada pela feminista negra Jurema Werneck em seu ensaio: *Nossos passos vêm de longe! movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo*, de 2009.

“nossos passos vêm de longe”. Reconhecer a trajetória de vida de cada um e toda memória ancestral é fundamental para sabermos para onde iremos, pois é esse reconhecimento da experiência ancestral no tempo que faz com que nos aproximemos cada vez mais de nós mesmos. Dito de outro modo, o saber ancestral é relacional, rizomático³, se prolifera e se multiplica nas conexões, nos acoplamentos múltiplos, isto é, se dá por confluência, lembrando brevemente o ancestral intelectual quilombola brasileiro Antônio Bispo dos Santos.

Sem saber e sem relação⁴ não há ancestralidade, pois ela exige reconhecer todas as vozes e saberes que vieram antes para assim podermos alimentar outras cabeças e modos de vida. É assim que a ancestralidade ganha força, pois promove uma espécie de “nós” fusional ou confusional. Em uma frase, a ancestralidade e a ética da vida, isto é uma ética do tempo que emerge na própria imanência da vida não se separam. Portanto, essa ética somente existe quando afirma uma estética da existência. É válido ainda dizer que não se trata de uma ética ocidental, cravada no outro (alteridade), mas uma ética da ligação, do nós. Daí, noções de ajuntamento, oriunda do quilombo, círculo, gira e roda deslocam qualquer hierarquia construída pelo ocidente. A ancestralidade somente pode ser pensada a partir de uma ética da conjunção.

Como ressaltou Eduardo Oliveira, “a sabedoria é justamente a junção do mistério com o conhecimento, do já dado com o ainda não” (Oliveira, 2023, p. 39). Dito de outra maneira, a sabedoria é a junção, é a fusão do que já foi pensado com o impensado e a partir do impensado podemos inventar novas possibilidades de vida, através do “demônio” da criação e do apetite pelo novo, o impensado. O saber se constitui como

³ Tomamos emprestado dos pensadores da diferença Deleuze-Guattari (2000). Para eles, o rizoma é uma crítica radical à representação clássica, isto é, ao pensamento da unidade e da univocidade do ser. O rizoma, sob o signo da multiplicidade, não começa e nem termina. Deleuze e, de certo modo, Édouard Glissant influenciaram Edmilson de Almeida Pereira, tanto do ponto de vista de pensarmos uma poética da relação, quanto o próprio rizoma que se dá na conexão, na quebra das hierarquias, no movimento, no devir, *intermezzo*.

⁴ A noção de relação aqui é pensada a partir de Édouard Glissant. Em sua *Poética da Relação*, Glissant propõe uma estética da relação a partir da noção caos-mundo. Glissant (2021) encara a relação como poética viva e trata a realidade como deslocamento, campo de emaranhado de fios e não como algo fixo. O próprio Edmilson de Almeida Pereira, ao prefaciá-lo livro de Glissant em parceria com Ana Kiffer, salienta a importância de tratar a realidade como deslocamento (rizoma) e não fixação (raiz), rumo ao corpóreo movente, relacional. Isso, segundo ele, isso exige uma certa sabedoria diante do emaranhado do *ser sendo*. Portanto, evocar uma certa poética viva da relação a partir de uma constelação de imagens poéticas, só é possível a partir de um pensamento de errância. A relação é o conhecer desse abismo, isto é, o conhecimento dos rastros devastados, na abertura da imaginação criadora. Portanto, na ótica de Edmilson de Almeida Pereira, para dar caminho, é preciso criar novos rumos, permitir errâncias e desnortear o pensamento para seguir caminhando.

unidade e se revela como multiplicidade, como diferença, como heterogênese, como pluralidade e diversidade (Oliveira, 2023, p. 39).

No entanto, percebe-se que o saber ancestral é revolucionário, pois traz tudo para dentro, abolindo dicotomias ocidentais como dentro e fora, é capaz de não pensar por oposição, mas faz emergir uma ética da conjunção que se faz a partir da encruzilhada, que é o lugar da pluralidade, da diversidade, da diferença, da multiplicidade, isto é, espaço por excelência da heterogênese que compõe a filosofia da ancestralidade:

Esta talvez seja a parte central da filosofia da ancestralidade, que se assenta esteticamente na reivindicação filosófica da humanidade das pessoas negras e dos saberes das tradições de matrizes africanas no Brasil (Oliveira, 2023, p. 9).

Dito de outro modo, a ancestralidade se constrói a partir de saberes que foram acumulados e compartilhados nas relações. Como bem ensinou Leda Martins, “o ancestral acúmulo de conhecimento que abranger toda a existência em seu entorno, inclusive a natureza, da qual faz parte e na qual se nutre” (Martins, 2021, p. 205). É animado com esse exercício de sensibilidade e pactuado com o regime ancestral que Eduardo Oliveira problematiza e teoriza a estética da libertação afro-brasileira ao dizer que “o que a epistemologia ocidental separou, por meio da análise, para dominar, a epistemologia negro-africana e diaspórica relaciona, para conviver” (Oliveira, 2023, p.12).

Ousamos ainda acrescentar mais um argumento ao dizermos que ancestralidade é palavra, é conexão, se traduz como saber de relação com o mundo da vida e com a teia de relações humanas. Nosso corpo se ressignifica porque temos consciência viva da nossa ancestralidade. O som da palavra é uma das formas mais instigantes que temos para nos reconectarmos com a nossa ancestralidade. É animado por esse exercício de sensibilidade ancestral, em defesa da experimentação estética e da liberdade, que Edimilson Pereira, em uma entrevista concedida a vários escritores em uma coletânea organizada por Eduardo Assis Duarte, em 2011, defendeu:

A defesa permanente da liberdade para a experimentação estética: a busca de diálogos entre as tradições e a contemporaneidade; a compreensão da poesia como oportunidade para aprofundar o pensamento crítico, a sensibilidade criadora e os laços de afetividade entre as pessoas (Pereira, 2011, p. 124).

Segundo Edimilson Pereira, para que haja experimentação estética, é necessário que haja a liberdade, o saber relacional entre as tradições e a contemporaneidade, reunindo o erudito e o popular, sensibilidade e pensamento crítico, atrelado aos laços de afetos. Nesse sentido, Exu, ao ser erguer sob o signo da ancestralidade afro-brasileira, transforma-se naquele que nos impulsiona a criar a partir do diverso, reivindicando assim o apetite pelo novo, pelo impensado e pela urgência de potencializar novas poéticas das relações. É esse tempo ancestral curvo, recorrente e anelado que nos impulsiona à liberdade através da experimentação estética, do afeto e da sensibilidade como bem nos ensinou Leda Martins:

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contação e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro (Martins, 2021, p. 204).

Ao advertir que o tempo ancestral não se fecha nos limites da linearidade que progride a um fim e nem se fecha na repetição do mesmo, Leda nos ensina a sabedoria de Exu como representação do tempo ancestral e do nosso corpo, é o que habita nas dobras de nossa pele e a partir dela evocamos a ancestralidade, pois Exu é o nosso ancestral afro-brasileiro que nos permite estripulias e nos faz unir conhecimento, arte e vida. Foi o que o pensador das encruzilhadas, Luiz Simas, nos ensinou ao dizer que “haveremos de nos inspirar em Exu para praticarmos estripulias nos conhecimentos, na vida e na arte” (Simas, 2018, p. 23).

Foi sem dúvida esse lugar que inspirou, serviu de alimento e moinho analítico a Edimilson Pereira quando nos disse “eu sempre alimentei a vontade que minha poesia pudesse ser enriquecida com a poesia que existe na mitologia iorubá” (Pereira, 2011, p. 118). Dito de outro modo, sua poética se alimenta diretamente da diáspora afro-brasileira, oriunda dos terreiros, fonte da mitologia iorubá:

Eu queria escrever poemas que despertassem emoção e mostrasse o esforço do poeta na epígrafe do *Livro* fala de Exu, que engole todas as coisas e depois as devolve ao mundo. Eu sentia a necessidade de

internalizar ou de engolir a beleza dos mitos para devolvê-los ao mundo. Trazer os mitos para dentro de mim era uma maneira de conhecê-los, ainda que parcialmente. E o que me atraía mais era devolver os mitos com algum sentido a mais, além dos sentidos sagrados que eles possuem no candomblé (Pereira, 2011, pp. 118-119).

Na epígrafe de seu *Livro de falas*, Exu, antropofagicamente engole todas as coisas e depois as devolve ao mundo. Segundo o autor Edimilson de Almeida Pereira, já na época de sua obra *Livro de falas* havia uma necessidade pessoal de internalizar e engolir tais mitos para devolvê-los ao mundo. É essa inspiração a maior motivação dessa escrita, pois se hoje é possível falar em ancestralidade acoplada a ideia de tempo, só é possível porque Exu se revela como um caminhante, capaz de se transfigurar ao se movimentar pelo mundo. Isso somente é possível por que, nos saberes de Muniz Sodré (2017), o Exu é inventor de seu próprio tempo.

Se o tempo não se separa da ancestralidade, ninguém melhor que os povos originários, os que estão com os pés fincados no chão, os que se conectam e se eternizam na ancestralidade, para nos lançarmos nesse “futuro ancestral”, marcado pela imanência do tempo que acontece em nossos corpos, em nossa memória e em nossas vidas. Dito de outro modo, se o futuro é ancestral, é porque a imanência do presente nos envolve, nos faz girar em torno de nós mesmos e buscar na nossa sabedoria ancestral o fio da nossa memória e da nossa ancestralidade.

O que sabemos é que tempo e ancestralidade formam uma unidade inseparável. Ao problematizar a relação entre educação e futuro, o pensador originário Ailton Krenak fala em alianças possíveis e na importância de ouvir o coração no ritmo da terra, isto é, da importância de mergulharmos profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis.

Os orixás, assim como os ancestrais indígenas e de outras tradições, instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência (Krenak, 2022, p. 38).

Foi com essa sensibilidade que o intelectual Ailton Krenak nos ensinou, a partir do ponto de vista originário, a importância de sermos todos transformados em espectadores:

Essa invocação da ancestralidade é educativa. Traz uma imagem poética apoiada num rito muito antigo de consagração do fogo, em que as pessoas, depois de a lenha ter sido consumida, eram capazes de passar descalças sobre as brasas sem queimar os pés (Krenak, 2022, p. 96).

Ao evocar a imagem poética oriunda do mito, Krenak nos afirma que a ancestralidade é educativa. Daí é possível perceber que tanto os orixás quanto os ancestrais indígenas instituíram mundos para podermos experimentar a vida através do canto e da dança, mas que têm, segundo Krenak, sido ofuscados pelo capitalismo, resultando no empobrecimento da existência.

Ora, segundo Maria José Somerlate Barbosa, “a dimensão quantitativa e qualitativa da obra de Edimilson tem atraído a atenção da crítica especializada que, ao analisar a sua produção literária num âmbito mais amplo, volta-se para aspectos gerais da obra” (Barbosa, 2011, p. 246).

Desse modo, não iremos nos ocupar a fazer uma exaustiva revisão⁵ da literatura, mas buscaremos zonas de vizinhanças possíveis em sua crítica-poética. Em seus escritos, poderia dizer são atravessados pela ancestralidade diaspórica e faz parte de uma certa tradição de crítica forjada a partir de dentro dos terreiros que vem pavimentando e fortalecendo caminhos e encruzilhas no universo da crítica e emergindo o que Henrique Freitas (2016) chamou de literatura-terreiro.

⁵ Embora não tenhamos tempo aqui de fazer uma revisão cuidadosa sobre a recepção crítica de Edimilson de Almeida Pereira, vale trazer um estudo fundamental que é a Tese de Doutorado de Daviane Moreira e Silva, que se intitula *no ritmo da lapassada: leituras do projeto crítico-poético de Edimilson de Almeida Pereira*, defendida em 2014, na Faculdade de Filosofia e Letras da USP, pelo viés das manifestações da cultura afrodescendente. Coincidentemente, na mesma época, Breno da Silva Lacerda fez a sua Dissertação de Mestrado intitulada *Rastros memoriais da cultura afro-brasileira em a casa da palavra, de Edimilson de Almeida Pereira*, em UNILASALLE, Canoas, tendo como enfoque a memória social e cultural e seus rastros na literatura afro-brasileira. Desse modo, tem sido tímido os olhares em Edimilson de Almeida Pereira no que diz respeito à ancestralidade e à temporalidade. A crítica de Maria Jose S. Barbosa (2011) é a que mais se aproxima da nossa pesquisa, pois além de estabelecer uma simbiose entre vida e obra do autor, a pesquisadora evidencia a palavra como linha de força de sua poética, como não podemos esquecer, evidentemente, de Prisca Agustoni (1999, que tem contribuído não somente para divulgar, como para pensar e poetar a partir da diáspora. O mais recente ensaio sobre *O Ausente* é o do crítico Carlos Augusto Ferreirinha (2023), escrito em parceria com Maria Aparecida Junqueira, articulam a negatividade, o sujeito lírico e potencialidade da linguagem, em seu ensaio “Silêncio: tessitura de linguagem em *O Ausente*, de Edimilson de Almeida Pereira. O crítico Michel Mingote Ferreira de Ázara (2021), poderia dizer, é o que mais atualmente tem se ocupado com a dimensão da poesia e da filosofia a partir do que ele chama de “imaginário da diáspora”. A partir de um olhar rizomático, refinado, como um fino estilista da crítica contemporânea, Mingote amplia e atualiza o olhar ao pensar a poesia de Edimilson de Almeida Pereira a partir de teóricos como Glissant, Gilroy, Agustoni, Cesare, Deleuze-Guattari e o camaronês Achille Mbembe.

É importante pontuar que as questões relacionadas à ancestralidade, por exemplo, estão, até certo ponto relacionadas a questões mais amplas oriundas da literatura afro-brasileira, da militância, do movimento de mulheres negras, do feminismo negro e principalmente dos terreiros, pois é importante reconhecer que tem aumentado o interesse de diálogo da literatura de candomblé, o que chamamos de pensamento “enterreirado” ou a epistemologia nagô, no campo da literatura, forjando assim o que o intelectual negro Henrique Freitas (2016), professor de Literatura da Universidade Federal da Bahia, autor do livro *O arco e a arkhé: ensaios sobre literatura e cultura* chamou de “literatura-terreiro”. Nesse caso, ensina-nos:

Nessa literatura-terreiro proverbial, uma dimensão ética, estética negro-diaspórica e de diálogo com uma produção literária canônica se encruzilham, desafiando os oris a incorporarem outros paradigmas ao som de alujás, opanijés e outros rit(m)os, enquanto os atabaques-palavras dobram na repetição, na incisão letra a letra no texto produzido desde o corpo como aforrizomas (Freitas, 2016, p. 81).

Segundo Henrique Freitas, Mãe Stella de Oxóssi nos brinda com o seu adjá-palavra, evocando assim, uma crítica literária que emerge das epistemologias dos terreiros e com isso coloca em xeque uma certa tradição literária hegemônica ao incorporar outros paradigmas atravessados pelos sons dos atabaques-palavras, reintroduzindo novas *arkhés* ou, o que ele chama brilhantemente de “plataforma epistemológica”. O que queremos dizer é que vários estudos têm tensionado, questionado e pensado epistemologias outras que não essas vistas pelo crivo do ocidente imperial.

Dito de outro modo, tem aumentado a literatura da encruzilhada, tanto a produção literária quanto teórico-epistemológica, emergindo assim uma certa epistemologia nagô a partir dos mitos, da oralidade, das performances e saberes vividos nos terreiros, rasurando a subjetivação branca, cristã e ocidental.

Portanto, o terreiro, mais que um espaço em que se dramatiza e performa a cultura sagrada dos orixás, se transformou em espaço de cultura e pensamento, em que novas éticas e novas estéticas da existência são evocadas, pensadas e questionadas, nos ampliando e permitindo um novo rumo na crítica, o que eu chamaria de “crítica nagô”, uma crítica a toque de atabaques, fazendo uma breve referência a Muniz Sodré, já que foi quem pavimentou esse caminho em seu *Pensar nagô* ao trazer uma *filosofia a toque de atabaques*. Nesse sentido, podemos pensar que temos todos os elementos necessários para

propormos uma nova virada de chave analítica a partir dos saberes ancestrais e as encruzilhadas se transformam numa potente linha de força.

Dizemos isso porque os terreiros são essas encruzilhadas que temos usado para pensar e descolonizar o pensamento eurocentrado, e como um modo de dar um giro epistêmico e inventar novas fagulhas criativas a partir de nossos múltiplos processos de subjetivação, isto é, a partir das “giras” dos orixás, como tem feito, por exemplo o admirável intelectual, ensaísta, crítico e poeta Edimilson Pereira de Almeida ao pensar o *logos* de Exu e a criação poética em seu livro *Entre Orfe(x)u e Exunouveau: Análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira*. Somente para exemplificar, temos toda uma tradição nagô que cruza desde o clássico *Os nagô e a morte* de Juana dos Santos, que serviu de inspiração para toda tradição ancestral como Muniz Sodré (2017) e um dos mais lidos na contemporaneidade, que é Luiz Rufino (2019) e suas pedagogias das encruzilhadas.

Para dar conta dessas questões do tempo e da ancestralidade, traçaremos três tópicos que se entrecruzam: O primeiro intitula-se “Edimilson Pereira: o afiador de palavras”, onde expomos as principais inspirações e motivações estéticas do autor e trazemos para a conversa o próprio autor Edimilson Pereira (2008; 2011; 2020) e Leda Martins (2021). O segundo tópico intitula-se “Deslocamentos do tempo”, onde apresentamos um mergulho na obra *O ausente*, tendo o tempo como enfoque. Aqui chamo para roda Leda Martins (2021), Henrique Freitas (2016), Muniz Sodré (2017) e Reginaldo Prandi (2013). O terceiro e último tópico, por sua vez, intitula-se “Exu: a encruzilhada ancestral”, trazemos a potência de Exu e a encruzilhada em Edimilson Pereira (2022) em diálogo com Muniz Sodré (2017), Eduardo Oliveira (2023) e as encruzilhadas de Luiz Simas (2021).

1 Edimilson de Almeida Pereira: o afiador de palavras

Sem dúvidas, Edimilson Pereira é um afiador de palavras, artesão e tecelão que faz da linguagem uma espécie de ourivesaria, isto é, um trabalho sofisticado, cuidadoso, criativo e renovado. Ele traduz a linguagem a partir de versos e criação contínua. É afiador por revelar mitos em versos. É afiador por deslocar tempo e espaço. É afiador, por fim, por buscar na ancestralidade formas instigantes de renovar a linguagem. Foi a partir dessa

sensibilidade com a palavra que Reginaldo Prandi, em maio de 2007, ao fazer o prefácio de seu *Livros de falas* o chama de o “afiador de palavras”:

Então vem o *afiador de palavras* e revela o mito em versos refeitos, que raspam a palavra antiga para ver o que há sob a casca, para mostrar o que está escondido. O poeta sabe fazer isso, é a sua profissão, é o *afiador de palavras*. No afiar das falas embotadas do mito, ele tira brilhante lâmina do rosto humano do orixá que ainda corta o tempo. Aí ele começa a falar do mundo, de tudo, do resto. Ela fala de si e de nós. Na fala refeita, como está prevista no mito, o novo se enxerga no velho, e o velho já não é mais o mesmo. *O afiador de palavras* aprende que todo é como era antes e, ao mesmo tempo, que tudo é diferente (Pereira, 2008, p. 7; grifos meus).

Ao repetir várias vezes que Edimilson Pereira é um afiador de palavras, o antropólogo Reginaldo Prandi, de forma sensível, dá o lugar correto ao poeta Edimilson Pereira, pois ao afiar palavra, faz dessa arte sua profissão. Nesse ato de afiar palavras, o poeta tem o poder de tirar a brilhante lâmina do rosto humano e começa a falar do mundo, onde inclui a si e nós, onde o mundo se apresenta de forma inédita a cada instante.

É esse pacto com Exu, o dono da palavra e dinamizador do universo, que faz de Edimilson Pereira um fino estilista e afiador da palavra. Ao associar diretamente a palavra a Exu e à ancestralidade Leda Martins pontua que a palavra é dinâmica: “a palavra é materialmente som, e como tal é parte da síntese estruturante de todo o continente de sonoridades dilatadas e encorpadas na dinâmica das cinesias” (Martins, 2021, 92-93).

Assim, Exu se ergue sob o signo da palavra trabalhada a partir dessa fina lâmina da palavra, se materializando no som que dinamiza o corpo e coloca a linguagem em movimento, em devir. Complementa Leda Martins:

A palavra detém o poder de fazer acontecer aquilo que libera em sua vibração. Na palavra, são as divindades, os ancestrais, os inquices, as rezas que curam, que performam o tempo oracular dos enigmas, o passado e o devir, o som que emite, transmite, esconde, desvela, escurece e ilumina (Martins, 2021, p. 93).

Desse modo, a palavra é o que faz acontecer a poesia em sua vibração sonora, poética e plástica. A palavra, sem sua vibração sinestésica, é o alimento primeiro da poesia. Na palavra habita a ancestralidade e nela todos os tempos se desenvolvem, se amalgamam em um complexo movimento espiralar em que o tempo se ajusta, se

desenvolve, vela, desvela, escurece e ilumina, agitando renovando a vida, fazendo acontecer um princípio ético-estético e dinâmico do mundo.

Edimilson Pereira consegue esse movimento na medida em que nos arrasta (através de Exu) para fora dos sulcos costumeiros da linguagem e faz da palavra um acontecimento poético. Isso acontece, sobretudo, quando o seu fazer poético tem Exu como o processo de criação por excelência, pois é ele que devora e faz o novo acontecer através da recriação da linguagem e da reinvenção da vida:

Essa questão é relevante para o sujeito do fazer poético, sobretudo aquele que, como o senhor dos caminhos, fertiliza o solo da linguagem com suas metáforas e jogos de palavras, embora saiba que esses e outros instrumentos da comunicação sejam precários (Pereira, 2022, p. 171).

Dito isso, para avançar em nossa travessia crítica é necessário adentrar na intimidade poética do escritor. Portanto, para conhecer os caminhos percorridos para um autor, bem como seus interesses e inspirações poéticas e estéticas, nada melhor que entregarmo-nos à escuta de suas narrativas. Em uma entrevista à crítica literária Noemi Jaffe, em um livro *Escrita em movimento: sete princípios do fazer literário*, Edimilson Pereira ensina-nos:

A experimentação como prática antecede quaisquer outras questões de escrita. Na prosa, antes de delinear a trama ou inventariar as ações dos personagens me preocupo em saber de que modo a linguagem será articulada para, inclusive, falhar nos intentos de concluir um circuito narrativo (Pereira, 2023, p. 179).

Segundo Edimilson Pereira, a experimentação emerge a partir da prática e do modo como a linguagem é articulada. Ainda diz ele que “a dificuldade para exprimir isso é um estímulo para testar a linguagem e aprender, através dela, que nem sempre é necessário decifrar o mundo” (Pereira, 2023, p. 179). É desse estímulo para testar a linguagem e levá-la ao seu limite que sua arte sobrevive e se pronuncia no mundo. Pereira experimenta e nos convoca a fazer da linguagem um “experimento”.

Para ele, “quem lida com a linguagem-EXPERIMENTO precisa forjar seus instrumentos de medida, ciente de que não há parâmetro absoluto para se escrever dessa ou daquela maneira. Cada obra elaborada sob a linguagem-EXPERIMENTO é específica (Pereira, 2023, p. 181). Dito isso, para Edimilson Pereira, quem faz da linguagem um

laboratório de experimentos, deve ser capaz de forjar seus instrumentos e entrar numa espécie de criação e invenção, uma vez que, segundo ele, não há um parâmetro e cada obra acontece a partir dessa “linguagem-experimento” e nesse campo de experimentação sempre se ganha e perde algo:

Quer dizer, se ganhamos algo com a palavra, também perdemos algo que ela não alcançou representar. Assim, me arrisco a escrever nos limites entre a palavra inaugural e a palavra exaurida, entre o arcaico e o contemporâneo, entre o individual e o coletivo. Vale dizer, *isso é projeto que só a rolança do tempo vai dizer se funciona ou não* (Pereira, 2011, p. 123; grifos meus).

No que diz respeito à palavra e a representação, Edimilson Pereira arrisca a escrever nesses limites existentes entre a palavra inaugural e exaurida, onde arcaico e contemporâneo, individual e coletivo se fundem e se confundem e quem vai dizer se funciona ou não é o que ele chama de “rolança do tempo”. Mas esse processo de experimento não se separa do trabalho com a palavra. Edimilson Pereira, ao fazer um pacto com Exu, pactua com a palavra, pois a sua ancestralidade não se desconecta da linguagem experimento que se dá através das palavras:

Uma delas é a de trabalhar a palavra comum, habitual para descobrir nela o seu elo perdido (vale aqui o sentido rupestre). Mas, além desse aspecto de recuperação da origem (que é sempre desejo, uma quase impossível realização), há também a consciência das fraturas que a palavra nos impõe (Pereira, 2011, p. 123).

É desse modo que Edimilson Pereira, enquanto homem que habita no miolo da linguagem e artesão da palavra, convoca-nos a fazer da palavra uma força e extrair dela uma potência viva que seja capaz de testemunhar a vida. Trabalhar a linguagem para ele significa experimentá-la, recuperando seu elo perdido e a tornado novamente viva.

Minha lida com a escrita tem ocorrido na criação poética (através da qual me arrisco na expectativa de semear uma paisagem em que as experiências com a linguagem, a investigação histórica e a perquirição metalinguística me permitam comunicar o desejo de aprendizagem da vida e do mundo; na reflexão teórica sobre culturas populares (por meio da qual me dedico aos ensaios, escritos em coautoria, sobre diferentes aspectos das culturas populares); e na criação de poesia e prosa para crianças (através da qual procuro manter um diálogo com o restante de minha obra (Pereira, 2011, p. 124).

Ao assumir a criação poética como motivo principal de sua lida com a escrita, o autor se arrisca na experiência com a linguagem, onde, a partir de investigação histórica, na insistência da metalinguagem, testemunha o aprendizado do mundo da vida e extrai dele seus sulcos e propõe, a partir daí, o uso da liberdade, pois para ele, “A poesia que escrevo propõe liberdade aos leitores para falar de liberdade” (Pereira, 2011, pp. 123-124).

Desse modo, o autor traz em sua escrita a liberdade como forma de motivar os leitores a falarem da liberdade. “Não há receitas em minha poesia. Eu não posso afirmar que meu conceito de liberdade seja bom para todos, pois minha poesia é aroeira também: pede interpretações e diálogo” (Pereira, 2011, p. 120). Essa soberana liberdade somente acontece quando somos movidos à experimentação com a linguagem. Dessa liberdade ele convoca-nos a pensar e reinventar a experiência cotidiana, isto é, o texto transforma-se numa possibilidade de reinvenção da vida.

O texto como “vivência cotidiana reinventada” é uma das possibilidades para a criação literária. E é, sem dúvidas, uma das mais fascinantes porque nos coloca entre a vontade de transformar o real (para transcendê-lo) e a necessidade de representá-lo (para compreendê-lo). Vejo aqui a imagem do pêndulo que faz a escrita oscilar, perdendo-se e ganhando-se enquanto cotidiano-identificado com o real - se mostra como uma larga janela para os nossos olhos. Por conta disso, a convivência com os Arturos e outras comunidades do interior de Minas tem sido decisiva para a minha poética. Essas comunidades aceleram o movimento pendular de minha poesia ao me abrirem a janela de um cotidiano múltiplo, impregnado de apelos poéticos (Pereira, 2011, pp. 123-124).

Dessa vivência cotidiana nascem os seus textos, pois a experiência é grávida de conhecimento e de vida. Nessa vivência está uma das possibilidades para que aconteça a criação literária, nos colocando entre a transformação e a representação do real, seja para transcendê-lo, seja para compreendê-lo. Por isso a convivência com as comunidades mineiras e com os Arturos Edimilson Pereira pontua como fundamentais para o processo de criação de sua poética, isto é, seus apelos poéticos emergem de um cotidiano múltiplo, onde as janelas se abrem e ele é convocado a reinventar o cotidiano.

A crítica poética de Edimilson Pereira além de deslocar a crítica estabelecida pelo cânone e pelo discurso autorizado, centrado numa certa hegemonia branca, cria fissuras

e desterritorializa não somente o leitor, como o próprio universo da crítica. Mas, afinal, de onde vem a inspiração desse poeta e ensaísta? Ele responde em uma entrevista, na qual, Prisca Agustoni questiona como nasceu a sua faceta poeta:

De certo modo, minha vivência, desde a infância, esteve envolvida por um universo poético. Não o da poesia escrita, relacionada ao cânone, com o qual tantas vezes é confundida. O ambiente familiar me ofereceu as oportunidades iniciais de contato com a palavra utilizada no sentido lúdico de recriação e ampliação da realidade. Através do meu pai e dos seus diálogos com o mundo, das suas narrativas e do seu interesse pela visão metaforizada da realidade, experimentei as primeiras percepções poéticas (Pereira, 2011, p. 117).

Diante disso, apreende-se que Edimilson Pereira esteve envolto na poesia desde a infância. Poesia oferecida pelo ambiente familiar, a partir de uma aura lúdica, onde podia ampliar e recriar a realidade. Teve pela inspiração paterna uma fonte de diálogo com o mundo e um interesse particular voltado para o olhar metaforizado do mundo na vida. Foi aí, que segundo ele, teve a oportunidade de experimentar suas primeiras percepções e experimentações poéticas:

A vida familiar me ofereceu a satisfação de conviver com o outro, partilhando o ludismo da linguagem e o olhar encantado pelo mundo. Mas há um momento em que é preciso desenvolver uma abordagem, não diria mais consciente (porque, de certa maneira, a consciência do mundo nos toca também através do afeto, em família) porém mais aguda e sistemática desse olhar encantado, que nos apresenta o mundo e que pode funcionar como centelha para a experiência poética. O poeta assina a sua biografia quando, a partir de certo distanciamento, ele se pergunta o porquê desse ou daquele gesto, da entrega à criação poética, e não a outra atividade. Para mim, esse distanciamento começou na escola (Pereira, 2011, p. 118).

Ora, podemos apreender que a escrita e a inspiração poética de Pereira não se separam da vida. Isto é, a vida familiar, a convivência com o outro, ele teve, pelo viés lúdico da linguagem, um olhar de encanto para o mundo. Nesse sentido, para Edimilson Pereira, o poeta se encanta com o mundo a partir de uma linguagem marcada pela ludicidade, onde a consciência não se separa do gesto afetoso com o outro, com o que nos toca. Esse olhar encantado deve servir de centelha para a experiência poética. Dito de outra maneira, o poeta precisa ter um certo distanciamento do mundo e, a partir daí, ele assina sua biografia e se entrega à criação poética:

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (3): e66043p, jul./set. 2025

Eu sempre alimentei a vontade de que minha poesia pudesse ser enriquecida com a poesia que existe na mitologia iorubá. Mas eu não sou iniciado, por isso não conheço sua constituição do sagrado tão profundamente quanto eu deveria e desejaria conhecer. Por outro lado, eu não pretendia simplesmente contar os mitos do candomblé com minhas palavras. (...) Eu queria escrever poemas que despertassem emoção e mostrassem o esforço do poeta para conhecer as palavras (Pereira, 2011, p. 119).

Desse modo, quando Edimilson Pereira nos mostra que a sua poesia é enriquecida através da poesia iorubá, nos faz entender não somente a potência ancestral que emerge a partir de sua escrita, como nos lança uma nova seta contra esse cânone racista que deslegitima a produção do povo preto, como a invisibiliza e a desautoriza.

Edimilson Pereira, ao assumir que não se interessa apenas em recontar ou reproduzir os mitos do candomblé, mostra que seu intuito era escrever poemas que despertassem a emoção e mostrassem o esforço do poeta para conhecer as palavras. Foi esse pacto ancestral que ele fez com Exu. Mais que isso, Edimilson Pereira pactua com o tempo, desloca-o e o traz para dentro da narrativa. Essa será nossa próxima travessia.

2 Deslocamentos do tempo

Em que sentido Edimilson Pereira desloca a noção do tempo ocidental? Como podemos pensar o tempo e a ancestralidade em Edimilson Pereira? Para tentarmos dar conta dessas perguntas, devemos nos colocar à altura de sua obra *O Ausente*, pois nela o tempo é empelcado. Esse que se recusa a seguir uma linha reta, que circula, vai e volta, faz curvas, conflui, se adensa e se encurta, encomprida, desafia o relógio, a lógica, o bom senso, trava-língua, está fora da língua, vive na vida, no corpo-território, nos ritos de nascimento e também de morte.

Essa regurgitação temporal se desenrola no enredo de *O ausente* de um modo-linguagem, adensado pela sintaxe e alargado pela semântica, entre o final da noite e a madrugada, no chamado tempo *Chronos* espiralado em *kairós*:

Sob o lençol de algodão Djanira dorme. — dá para ver no tecido os grumos do fio que não foi estirado direito. Deixa se interna no tempo, o dos sonhos, que tanto bem lhe faz. São quatro horas da manhã, não há

sinal do sol, que entra pelo curral e faz as moscas brilharem... nem sei há quanto tempo estamos aqui (Pereira ,2020, p. 11).

No trecho acima é possível apreender ao menos três possibilidades de tempos, como diria Antônio Bispo dos Santos, confluindo⁶ simultaneamente: o tempo onírico no corpo do outro, no caso da personagem Deja, *que se interna no tempo do sonho* e, simultaneamente, compartilha o tempo Chronos *às quatro horas da manhã* com Inocência, que vagueia entre sono e vigília, pelo passado-presente-futuro, por meio da memória, da digressão e da projeção do devir-a-ser. Inocência, também chamado *Inoc* se relaciona com o tempo das percepções subjetivas, aquele dos *sonhos*, ou pela natureza aludida nos seres, feito *o brilho do sol nas moscas*. Mesmo assim, não se mostra suficientemente seguro sobre a mediada do tempo que se esgarça na narrativa do amanhecer.

Em seu devaneio, em meio a insônia, a mente daquele que também se denominará *Esse de agora* orbita, espiralando e se esgarçando para lugares ancestrais e do devir-a-ser-endo. Sua voz-pensamento é tonal, isto é, gago⁷ de sua própria língua nos fala de outro arco, outra *arché*, onde as gnosés negro-indígenas- brasileiras sinalizam encruzilhadas diferentes para apreender no tempo, a existência. Tempo espiralar, sobre o qual, Leda Martins (2021) afirma “não elide a cronologia, mas que a subverte”. O tempo que se espraia no devir da vida e no fluxo da memória:

A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, eventos naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de

⁶ Confluência é um conceito usado por Antônio Bispo dos Santos (2021), o Nego Bispo, sobre a relação entre discurso e prática, no processo da contra colonização, permitindo o que o autor chama de a convivência entre elementos diferentes entre si e que se aproximam em suas cosmovisões. Segundo ele, a confluência é o que tem mobilizado o pensamento dos povos tradicionais, oriundo da cosmovisão pluralista dos povos politeístas.

⁷ A noção de gagueira aqui é pensada a partir do pensamento nômade de Deleuze (1997). Em *Crítica e clínica* Deleuze problematiza que um escritor, gago de sua língua, é aquele capaz de fazer da sua língua uma língua estrangeira, lembrando Proust. É a partir desse prodigioso gaguejar que Edimilson de Almeida Pereira, em sua linguagem intensiva torna-se *gago da língua*, ao fazê-la vibrar de outra forma, isto é, não é mais o personagem que é gago da fala, é o escritor que se torna gago da língua. Por esse viés deleuziano, poderíamos estender à noção de *literatura menor*, uma vez que em Deleuze, em parceria com Guattari, o grande escritor está na capacidade de instaurar dentro de um exercício menor de uma língua, isto é, uma desterritorialização absoluta da língua maior. Para eles, uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas uma língua que uma minoria constrói numa língua maior.

todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta (Martins, 2003, p. 75).

Martins alude ao movimento não-linear do tempo na mitologia ancestral afrodiaspórica, onde a morte não é o término, nem findo o que deixou de existir no mundo dos vivos, pois “tudo o que está vivo hoje deve morrer, para que os mortos vivam” (Pereira, 2020, p. 73). Daí a ideia da roda trazida como metáfora por Antônio Bispo dos Santos para o ciclo da existência onde “a relação com o tempo é cíclica: tem começo, meio e começo. Porque qualquer lugar da roda é começo”.

Artista da palavra, Edimilson Pereira criou *Inocência*, cuja pele preta é referida apenas duas vezes na narrativa: “somos dois velhos negros azuis, de pé, lúcidos, mirando o paiol incendiado” (Pereira, 2020, p. 11) e, mais adiante, “foi preciso serp. a própria inteligência, Deja, para sermos dois velhos negros vermelhos” (Pereira, 2020, p. 122).

No caso do autor, a opção por apontar a cor da pele dos personagens, em vez de deixá-la ao bel prazer do leitor, está intimamente ligada às escolhas afro-rizomáticas, que, segundo Henrique Freitas, “disseminam-se linguajando a diáspora negra em expressões literárias convencionais e não convencional” (Freitas, 2013, p. 55), as quais, Pereira utiliza para tecer a mimese I de seu romance, repleta das gnosés afro-indígenas, suas mitologias, oralituras e temporalidades. *O ausente* nos convida ao mergulho no mundo do encantado, do falado, do rezado, do manifestado, das pessoas muito simples, que merecem ser ouvidas:

Nós, pessoas em carne, osso e alumbramento, vivemos daquilo que nos contam e que nos arvoramos a recontar. Por isso, esses, aí chegando – um pai, a mãe e o seu filho deles – em muita carência, mas ajustados no seu transporte, merecem que os escutemos (Pereira, 2020, p. 55).

Esse alerta que nos faz o autor, travestido na voz narrativa, nos desperta para o exercício da escuta atenta, a fim de que possamos nos afetar com a nossa cultura que está à margem, silenciada e excluída da narrativa canônica. Assim, Pereira traz para o grafocentrismo as narrativas dos excluídos, dos subjugados. Portanto, faz todo sentido que o personagem *Inoc* seja benzedor e cuide das coisas da sua gente, sobretudo, da sua ancestralidade afrodiaspórica, que Leda Martins afirma:

Tanto pode ser concebida como um princípio filosófico do pensamento civilizador africano quanto pode ser vislumbrada como um canal, um meio pelo qual se esparge por todo o cosmos, a força vital, dínamo e repositório da energia movente, a cinesia originária sagrada constantemente em processo de expansão e catalização (Martins, 2021, p. 60).

Essa missão ancestral, referida por Leda Martins, nasce com o protagonista. ‘Inocência’, ‘Inoc’ ou ‘Esse de agora’, nomes que o personagem assume ao longo da narrativa, nasceu empelcado. A distinção de ser trazido à vida ainda dentro do saco gestacional, em meio à água matricial, dá a Inocência a dádiva de caminhar pelos tempos e exercer, com o auxílio do mundo espiritual, o ofício de curandeiro, onde “tudo começou invertido, é dizer, os males chegando a minha porta e eu curando” (Pereira, 2020, p. 41).

Essa deferência de nascença, o tornará um *homem-natureza-mito*, pois embebido no elemento água, ele recebe em seu *orí* a marca distintiva da ancestralidade afrodiaspórica, o seu orixá, que o tornará solo sagrado:

A começar pela noção de pessoa, que implica a integração de diferentes almas: é o orixá, que nos vincula à natureza; o espírito reencarnado, ou egum, que nos liga à família, ao grupo social, à sociedade, em um tempo circular que faz o mundo se repor e se repetir indefinidamente; é o orí, ou a cabeça, que contém a individualidade e carrega o destino de cada homem e mulher, que faz de cada um o que é. A importância do orí demanda rito, sacrifício, cerimônia, situando o indivíduo no centro das atenções religiosas. E é apenas um começo (Prandi, 2013, p. 10).

Como bem explicado por Reginaldo Prandi, as gnosés africanas, em especial as de origem Iorubá, vinculam o homem a diferentes almas, mas, também, a um tempo espiralar, que se repete indefinidamente. Talvez, por isso, Edmilson Pereira tenha escolhido espiralar também a poética da sua narrativa, mimetizando no enredo a ideia do estar-a-voltas com alguma coisa incompreensível. Uma metalinguagem que faz o leitor experimentar a ideia de andar em círculos, voltando e avançando, catando aqui e ali elementos de cognição temporal, afinal, como afirma o próprio Inocência “estudo é remédio” (Pereira, 2020, p. 12).

O narrador-personagem Inocência narra em primeira pessoa a partir do tempo-pensamento e, às vezes, compartilha esse papel com Deja, a sua esposa. Essa ação de falar pelo pensamento, a partir dos retalhos da memória, nos remete imediatamente ao silenciamento imposto historicamente pelo racismo às pessoas negras e, posteriormente,

internalizado em nossos corpos. Muitas palavras para nós só podem pertencer ao mundo das ideias, mas assim como Inoc, aprendemos que é no mundo que elas ganham poder porque “o mundo é a pedra de amolar a palavra” (Pereira, 2020, p. 38).

O mundo atua no tempo e no corpo, território de Inocência, sobretudo, na identidade, que muda na relação com os outros personagens. Assim, ele troca de pele, aceitando outras películas e novas identidades. Deixa de ser o nomeado e se nomeia na transição entre as três partes da trama: “ausente”, “rumores” e “sempre-viva”. Ele nos leva com ele para a encruzilhada do tornar-se descolonizado e nos convida a refletir sobre o dilema de mudar o destino, agir pelo próprio juízo, assumir a transgressão de ser senhor das suas escolhas, recusando predestinações e maniqueísmos. E, assim, assume a contação de sua nova história, pois “a única maneira de tirar dos ombros o passado é contar outra vez o vivido como se fôssemos outra pessoa” (Pereira, 2020, p. 46).

A ideação de Inocência dialoga com o pensar o narrar da palavra ancestral que nos apresenta Leda Martins:

No circuito da tradição, que guarda a palavra ancestral, e no da transmissão, que a reatualiza e movimenta no presente, a palavra é sopro, hálito, dicção, acontecimento e performance, índice de sabedoria. Esse saber torna-se acontecimento não porque se cristalizou nos arquivos da memória, mas, principalmente, por ser reeditado na performance do cantador/narrador e na resposta coletiva (Martins, 1997, p. 146).

Desse modo, Inocência rompe com a sua predestinação de nascença, que impõe sobre a sua sina um deus sobre todos que nega o deus em tudo. Esse processo começa quando Inoc decide, a pedido do próprio paciente, não completar os procedimentos de cura:

Súbito, a mão de Zé Vítor me interrompeu. Deixei que pousasse o fogo porque as outras ordens também me queimavam. Ele prosseguiu. Não. Tens que fazer, mas não tens de prosseguir até o terceiro apetrecho. Embora fosse um murmúrio, escutei dentro de mim seu punho com a pura clareza suas palavras. Não tens que usar a última chave (Pereira, 2020, p. 19).

Zé Vítor é o moribundo, um também predestinado, nascido empelicado, que desafiou deus, preferindo acumular uma “folha corrida” de desajuízo. Aquele que

escolheu a vilania mais mesquinha, a que seduz a ponto de tornar-se “um mal que não se pode matar porque é terno e leva muita gente à amargura” (Pereira, 2020, p. 19).

O empelicado Zé Vitor seria uma espécie de duplo de Inocência. O outro lado da força, a face debochada, transgressora, o desordeiro que recusa o cabresto da culpa. O profano, hábil comunicador das hipocrisias humanas. Na mitologia afrodiáspórica brasileira, de língua iorubá, da tradição Ketu, a energia vital em Zé Vitor seria exuística. Como nos fala Muniz Sodré sobre Exu:

A sua face inigualável é a capacidade comunicacional, inovadora, transformadora: Exu pertence visceralmente à comunicação, uma vez que resulta, enquanto filho prototípico na criação do ser humano, da interação de água (elemento masculino) e terra (elemento feminino) sendo assim o portador mítico do sêmen e do útero ancestral (Sodré, 2017, p. 177).

O encontro entre os empelicados na encruzilhada da morte, cuja ação depende da corrupção do sagrado, no caso, do próprio Inocência, vai estreitar e tensionar o tempo ancestral de Inoc e enclausurá-lo forçosamente no agora, que em desabafo reconhece: “minha vida é uma vida sem ontem, nem amanhã, concentrada no é: no agora, dentro do agora”. Em instantes, Inoc decide o devir da sua vida na morte do futuro pretérito de Zé Vitor: “rompi um pacto, nasci para curar, mas, pelo desprezo à convicção, entendi que duvidar me dava mais alegria” (Pereira, 2020, p. 18).

Desencarnado Zé Vitor, Inocência, ou melhor, esse de agora, pode enfim seguir outra arché e, “forçando o corpo em arco para frente” (Pereira, 2020, p. 124) seguir a roda do tempo dentro do tempo. “Eu me lancei, fiz do arco meu impulso. Fui, irei”. É desse modo que o autor de *O Ausente* nos desenha sua palavra espiralando o tempo, trazendo em seu interior a complexidade mitológica de Exu e a sua encruzilhada ancestral. Esse será nosso próximo movimento.

3 Exu: a encruzilhada ancestral

Pergunta necessária é em que consiste a ancestralidade? Qual a relação entre encruzilhada e ancestralidade? Ensina-nos Eduardo Oliveira:

O conceito de ancestralidade que vislumbro busca a maior grandeza que caiba na menor medida. Como conceito, busca a vastidão do mistério e a extensão do conhecimento; o princípio cosmológico/cosmogônico, tanto quanto o princípio epistêmico (Oliveira, 2023, p. 28).

Ora, segundo o pensador da ancestralidade diaspórica Eduardo Oliveira, a ancestralidade é uma vastidão do mistério que atua como princípio, a um só tempo cosmogônico e cosmológico e age também como princípio epistêmico. Nesse sentido, Exu transforma-se em epistemologia e uma forma de pensar a complexidade da diáspora. A dinâmica do universo negro-africano na cultura iorubá é sustentada por Exu, pois *Elegbara* é detentor do poder que preserva e continua o projeto Criativo de *Olódùmarè*. Exu, no entanto, é ambivalente. Serve ao Deus-Criador tanto quanto relaciona-se com o Infortúnio (Oliveira, 2023, p. 29). Complementa Luiz Simas:

Legba é a potência da transformação encarnada na ação das mulheres e dos homens. Ele é um estado de disponibilidade para transformar o mundo que vive de cada um. Nós somos em estado de Legba, os que podemos nos conduzir, contra o horror, até os terreiros mais amplos da alegria (Simas, 2021, p. 16).

Desse modo, *Legbá* está intimamente ligada não somente ao poder de transformação, como está na ação das mulheres e dos homens, pois a partir de sua disponibilidade, cria e transforma o mundo de cada um, nos fazendo lutar contra o horror e nos elevar à alegria, à afirmação da vida. É em seu livro *Entre Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira*, que o pensador negro Edimilson Pereira traz a ancestralidade diaspórica a partir de Exu, a pedra filosofal. Para ele, a estética literária emerge da simbologia de Exu, pois este é o dono do tempo, isto é, inventa seu próprio tempo.

Para uma melhor compreensão da estética literária derivada da simbologia de Exu, levaremos em conta o modo como algumas investigações antropológicas realizadas no campo das religiões afro-brasileiras têm sido reapropriadas por alguns autores e algumas autoras que, ao organizarem suas obras a partir do diálogo com as áreas das ciências sociais, contribuem para a ampliação do patrimônio estético da literatura brasileira (Pereira, 2022, p. 118).

Em sua crítica literária, Edmilson pereira reconhece a potência dos terreiros e, ao fazer isso, propõe, de certo modo, uma maneira distinta de ver a crítica fora dos moldes ocidentais e imperiais, reconhecendo a riqueza do acervo literário, os orixás e em especial a presença de Exu, signo determinante para entendermos essa lógica implicada na destruição e na reconstrução que serve de substância e sustentáculo para a cultura iorubá

No acervo literário referente aos orixás, a presença de exu é determinante para compreendermos a lógica da destruição e da reconstrução que sustenta a cosmogonia iorubá. Recordamos que uma das narrativas sagradas revela que o mundo surgiu regurgito de Exu (Pereira, 2022, p. 124).

Ao ganhar o poder sobre as encruzilhadas, Exu nos permite cruzar saberes, retomar setas do passado e lançá-las para frente, em um complexo e amplo processo de invenção e reinvenção da linguagem e da vida. É o que sustenta o pensador nagô Muniz Sodré quando traz a importância de pensarmos Exu e o tempo:

O enunciado em tela referente a Exu bem poderia ser interpretado como um axioma moral que busca no presente a chave motriz das ações desencadeadas no passado em contraposição reflexiva à lei de causa e efeito ou à ideia ocidental de progresso com efeito de ações passadas. Seria, portanto, uma valorização do passado, do vigor de fundação do grupo (Sodré, 2017, p. 171).

Dito de outra maneira segundo o ancestral Muniz Sodré, Exu, como um axioma, é aquele que busca no presente a chave matriz e motriz de todas as ações desencadeadas no passado. Nesse sentido, Exu desloca noções ocidentais de tempo e espaço, pois ele se transforma nessa força que mata um pássaro ontem com a pedra que lançou hoje. Desterritorializa tempo e o espaço. A encruzilhada transforma-se em um espaço plástico e dinâmico, marcada pela ancestralidade:

Exu é primogênito, portanto, mas igualmente- por deter o primado do processo de estruturação sobre seus próprios filhos- é pai-ancestral, a que corresponde outra representação (Exu Obá). Como Exu Bará, ele rege o interior do corpo, assegurando a circulação nas vias internas, assim como a dejeção, função de filtro das impurezas ou do inessencial, passível de ser etimologicamente lida no próprio nome – Exu - uma aglutinação do prefixo é com a raiz verbal *xu* (literalmente “defecar”) e semioticamente afim ao primeiro significado grego de *arkhé*, que é “anus”, ou seja, a boca última do corpo, que remete logicamente à boca da absorção. E assim por diante, são muitas as modulações

representativas, que jamais se fecham inteiramente na interpretação, abrindo-se para outras apropriações simbólicas (Sodré, 2017, p. 179).

Ao assumir-se como o primogênito, Exu transforma-se no pai ancestral, pois rege também o interior do corpo. A um só tempo representa a boca do mundo, que tudo devora e o ânus, a parte purificadora do organismo, de onde é expurgado tudo o que não nos serve mais. Daí a expressão *xu* que significa defecar, como princípio originário da existência e boca última do corpo. Ampliando a semântica de exu a partir do ponto de vista dinâmico e estético, Eduardo Oliveira aborda:

Voltemos a Exu. Ele é aquele que estabeleceu a maior grandeza na menor medida, aquele que é amigo de Orumilá, que visita a casa da Sabedoria e que entendeu junto com a Sabedoria que não existe pares opostos, mas elementos complementares, que a unidade se apresenta como uma diferença, como uma multiplicidade. Esse Exu é testemunha de tudo e de todo, e também, expressão de singularidade de cada coisa, é o mensageiro de Olódùmarè, é o próprio signo, o código, o segredo e a expressão, é ele quem interliga as coisas, que tem a função de intermediar, de negociar e de relacionar todas as coisas, ele também é quem personaliza o princípio ético no mundo; é ele quem aplica a norma de Olódùmarè e pune quem nega o Projeto-Olódùmarè através dos reveses que ele é mestre em produzir. Exu diz não a quem diz não a *Olódùmarè* (Oliveira, 2023, p. 42).

Ora, ao pensar a figura de Exu e as suas encruzilhadas ancestrais, Eduardo Oliveira ensina-nos que ele estabeleceu a maior grandeza na menor medida e teve Orumilá como amigo e aprendeu a partir dessa sabedoria que a encruzilhada anda na contracorrente dos opostos, pois são signos que se complementam, onde unidade se apresenta como diferença, como multiplicidade e devir. Exu, como testemunha de tudo e do todo, se expressa na singularidade de cada coisa, isto é, princípio dinâmico, ético e estético da existência, Exu interliga as coisas, intermediando, relacionando, negociando e interligando.

Esse atributo permite ao senhor dos caminhos alterar a percepção que possuímos dos acontecimentos, colocando-nos diante de situações de aparente *nonsense*, uma vez que somos instruídos a *vivenciar a passagem do tempo como uma sucessão de eventos* (Pereira, 2022, p. 165; grifos nosso).

Ora, ao alterar a percepção que temos do mundo, o senhor dos caminhos nos faz experimentar o tempo a partir de uma perspectiva não ocidental, pois com essa plasticidade espiralar, Exu nos permite vivenciar a passagem do tempo a partir de sucessão e simultaneidade de evento. Exu é esse tempo-avento ou “acontecimento” que ao nos envolver, altera a nossa percepção sobre o mundo e sobre nós mesmos em intenso movimento de territorialização e desterritorialização. Dentro dessa complexidade cosmológica do tempo, Edimilson Pereira transforma-se no pensador da encruzilhada ao trazer a força do tempo e da ancestralidade afrodiaspórica. Inaugura, de certo modo, o que ele chama de *logos de Exu* e criação poética. Diz Edimilson: “A capacidade de Exu para reordenar o mundo a partir de desarticulação das práticas habituais está relacionada à possibilidade de inversão das *dimensões temporais* (Pereira, 2022, p. 165; grifos nossos).

Dito de outro modo, é essa capacidade de transmutação, isto é, o poder de nos transportar e nos transformar que nos permite exu ao reordenar o mundo a partir de desarranjos e desarticulações das práticas habituais. Há uma inversão não somente do tempo, mas também do espaço, pois exu, como nômade que é, está em toda e nenhuma parte, pois exprime o dizível e o indizível. Transforma-se do leitmotiv do discurso e da ação, isto é, da palavra(ação):

Através desse *modus operandi*, a divindade é apresentada como o motivo principal do discurso, enquanto a voz do poeta se configura como uma caixa de ressonância dos modos de agir e pensar caracterizadores de Exu (Pereira, 2022, p. 145).

Mais que discurso, Exu nos permite uma renovação constante na linguagem, tornando-a novamente vida. Edimilson Pereira nos leva a pensar que há uma certa ruptura com a linearidade do tempo, permitindo a reinvenção do cotidiano. Daí a expressão tão conhecida, “exu matou pássaro ontem com pedra que atirou hoje”. Portanto, ao nos permitir um saber relacional, o mundo e o pensamento ficam mais complexos, pois tudo é possível. Daí a complexidade e largueza de Exu:

A ambivalência de Exu não é relatividade, mas relação. Ele é, ao mesmo tempo, a Estrutura e a singularidade. A unidade que mantém a dinâmica do universo negro-africano, bem como o movimento da singularidade, que dinamiza as diferenças num paradigma relacional. Isso me leva ao Princípio Estético (Oliveira, 2023, p. 43).

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (3): e66043p, jul./set. 2025

Ao trazer em seu seio a complexidade da ambivalência, segundo Eduardo Oliveira, Exu se transforma em signo relacional, pois sendo a unidade, dinamiza as diferenças a partir do movimento da singularidade. Eis o princípio ético-estético que povoa a figura de Exu, pois trata-se de um princípio estético dinâmico, plástico, rizomático que nos inspira nos modos de vida a partir de saberes de relação.

E é na relação que encontramos, quem sabe, aquela soberana liberdade tal como falava Edimilson Pereira, isto é, na “defesa permanente da liberdade para a experimentação estética”. Mas para isso, é preciso a coragem, pois é assim que ele desenha a sua literatura: “É uma literatura de coragem, de força, de esperança”. (Pereira, 2011, p. 120). É a partir dessa coragem, dessa força e desse esperar que nos permitimos o movimento da liberdade e da vida.

Considerações finais

Propomos aqui pensar a noção de tempo e ancestralidade em Edimilson Pereira. Como sabemos, tem crescido a cada dia o número de poetas e escritores que pensam e problematizam o mundo a partir da diáspora afro-brasileira, da cultura e das encruzilhadas dos terreiros. Edimilson Pereira não é diferente, pois o que se percebe em sua escrita é que ele provoca um novo crivo no caos da crítica literária. Através de uma escrita desconcertante ele tem promovido não só fissuras e deslocamentos, como rasuras diante do que compreendemos por cânone. A chamada “literatura-terreiro”, como bem disse Henrique Freitas (2016), tem aumentado de tal modo que vemos a emergência de um novo paradigma poético e de um novo *ethos* discursivo.

Os três tópicos do texto estão relacionados, pois num primeiro momento trouxemos o autor Edimilson Pereira como um pensador da palavra, o que chamamos de “afiador de palavras” trecho no qual trouxemos suas principais motivações estéticas. O segundo, foi um mergulho no deslocamento do tempo em sua obra *O ausente*. O terceiro e último, “Exu: a encruzilhada ancestral” foi o mergulho na figura de Exu como pedra filosofal iorubá ao ganhar o poder sobre as encruzilhadas.

Essas cosmopercepções trazidas em nossa análise ampliam, por um lado, a semântica do que compreendemos como crítica e, introduzem no campo literário

canônico, vozes que foram apagadas e desautorizadas. O tempo, por sua vez, é deslocado na medida em que a encruzilhada, como agenciamento político, nos situa em novas paisagens e novos saberes relacionais. Por outro lado, temos um novo tempo, o qual Leda Martins denomina espiralar e nos aproxima da ancestralidade e da diáspora afro-brasileira como um campo em expansão, experimentação e [r]existência.

A categoria ancestralidade ainda é carente de uma epistemologia mais recheada, pois a impressão que temos é que essa palavra tem se esvaziado e sendo reduzida a algo que diz respeito apenas a um grupo que evoca uma certa mística a partir de ritos e rituais, isto é, parece que se tornou uma palavra reduzida a sortilégios, xamanismo e espíritos oriundos de povos negros ou indígenas. É importante reconhecer que todos temos ancestralidades na medida em que temos história, memória e oralidade presa em nosso corpo. Ou seja, para ter ancestralidade basta estar vivo e ter um corpo que comunica com o mundo da vida.

O corpo, atrelado em simbiose com as múltiplas linguagens, comunica todos os mundos em nós. Evocar a ancestralidade não somente exige de nós uma questão ética, como uma questão estética da existência e da vida.

Mais que isso, a partir da narrativa de Edimilson Pereira, propusemos aqui ampliar e complexificar a noção de tempo e ancestralidade em acordo com uma política da imanência e da vida, unindo ancestralidade e estética, como bem salientou Eduardo Oliveira. Dito de outro modo, a ancestralidade deve ser pensada a partir de éticas e estéticas capazes de relacionar saberes e para isso precisamos fazer da linguagem um laboratório, isto é, um campo de experimentação capaz de apreender e ressignificar o que já foi pensado para eclodir o impensado. “Aqui, ancestralidade é estética e uma certa estética ancestral nos move no seio dessas ideias-força da criação resistente e da resistência criativa que se move em deriva entre Continente e sua diáspora” (Oliveira, 2023, p. 9).

Por isso mais uma vez Exu é importante pois, antropofagicamente é ele que nos permite esse movimento intenso com o pensamento, pois é essa defesa da liberdade que foi tão defendida por Edimilson Pereira (2011) ao trazer “a defesa permanente da liberdade para a experimentação estética” e junto com ela, “a busca de diálogos entre as tradições e a contemporaneidade”, como possibilidade de aprofundamento do

pensamento crítico, “sensibilidade criadora e os laços de afetividade entre as pessoas” (Pereira, 2011, p. 124).

Portanto, pensar tempo e ancestralidade em Edimilson Pereira nos faz pensar para além do tempo e da ancestralidade, pois nos permite, a partir da diáspora de terreiro, do que chamamos de pensamos enterreirado, pensar novos rumos na crítica e principalmente pensar o racismo construído estruturalmente e mantido institucionalmente, pois sua literatura não se separa de questões amplas ligadas ao racismo.

Em outras palavras, Edimilson Pereira como um fino estilista e afiador de palavras, traz uma linguagem atualizada e nova, pois, com sua sabedoria milenar abre novas encruzilhadas literárias e atualiza a leitura racial, unindo cultura, saberes ancestrais e literatura, promovendo na crítica um lugar de liberdade, mobilizando-nos a trabalhar na e a partir da linguagem e pensar os problemas do nosso tempo, convidando-nos sempre a olhar para trás e buscar nossos passos perdidos, silenciados, desumanizados e invisibilizados.

Trazer essa potência Exu de Edimilson Pereira é uma das formas de perceber que podemos, ao fazer da literatura uma encruzilhada, cruzar saberes e inventar novas possibilidades de vida. Foi essa a inspiração que Edimilson nos trouxe a partir de uma tradição de mulheres das encruzilhadas que já pavimentaram esse terreno a partir da ancestralidade. Foi o que Conceição Evaristo nos ensinou ao afirmar a ancestralidade que povoa o futuro:

[...] o futuro é ancestral, e, por isso, contemplamos o voo do pássaro. É preciso seguir a rota da ave. Sankofa nos ensina a desbravar os caminhos do amanhã. Sankofa nos ensina que precisamos conhecer o passado para irmos adiante na construção de um melhor tempo vindouro, é preciso retornar, buscar, procurar, recuperar o que ficou esquecido, o que se perdeu (Evaristo, 2022, n.p.).

Por fim, é essa ancestralidade que nos permite olhar para trás e nos reconhecermos. Reconhecê-la é olhar nos olhos das nossas mães, as “vozes-mulheres” que nos fazem contemplar o voo do pássaro para que possamos seguir a rota e termos *Sankofa* como eixo norteador das nossas existências para desbravarmos caminhos do amanhã. Reconhecer esse passado, isto é, de onde vêm nossos passos para que, através desse retorno, possamos recuperar e refazer a nossa história, através da escrita, pois, lembrando Graça Graúna, ao escrever, damos conta da ancestralidade, do caminho de

volta, do nosso lugar no mundo. É assim que Edimilson de Almeida Pereira nos faz sentir: dando conta da ancestralidade, do caminho de volta e do nosso lugar no mundo.

REFERÊNCIAS

- AGUSTONI, Prisca; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Traduzioni / Traduções*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1999.
- AGUSTONI, Prisca. *O Atlântico em movimento: signos da diáspora africana na poesia contemporânea de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- AZARA, Michel Mingote Ferreira de. Poética do desabrigo: poesia e filosofia em Edimilson de Almeida Pereira. In: *Perspectivas críticas da literatura brasileira no século XXI - prosas e outras escrituras*. São Paulo: Educ, 2021.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Dançar o nome com o braço na palavra berço: a relação vida e obra poética de Edimilson de Almeida Pereira. *Scripta*, Belo Horizonte, v.15, n.29, pp. 235-262, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Mil platôs- capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1/ Gilles Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célio Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- FERREIRINHA, Carlos Augusto. Silêncio: tessitura de linguagem em *O Ausente*, de Edimilson de Almeida Pereira. *Revista FronteiraZ*, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, (31), pp. 121–141. São Paulo, 2023. <https://doi.org/10.23925/1983-4373.2023i31p121-141>. Acesso em 10 out. 2024.
- FREITAS, Henrique. *O arco e a arkhé: ensaios sobre literatura e cultura*. Salvador: Ogum's Toques negros, 2016.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo I*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998.
- JAFFE, Noemi. *Escrita em movimento: sete princípios do fazer literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LACERDA, Breno da Silva. *Rastros memoriais da cultura afro-brasileira em Casa da palavra, de Edimilson de Almeida Pereira*. Dissertação de Mestrado. Centro Universitário

La Salle: Canoas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPGMSBC). Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNILASALLE_07b54c1b2ccbba39766a4936955c3326. Acesso em 10 out. 2024.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo. *O regime ancestral*. Salvador: segundo selo, 2023.

PELPART, Peter Pál. *A nau do Tempo-rei*. 7 ensaios sobre tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PELPART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *O ausente*. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Entre orfe(x)u e exunouveau*: análise de uma estética de base afro-diaspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fósforo, 2022.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *O livro de falas*. - Book of Voices. Tradução de Steven White. Juiz de Fora: Funalfa: Mazza Edições, 2008.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; DUARTE, Eduardo Assis; FONSECA, Maria Nazaré Soares. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PETRONILIO, Paulo. *Exu*: o mais alegre dos trágicos. *Revista Arte da Cena*, v.8, n.2. julho/dezembro, 2023.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados*: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Modos quilombolas*. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n. 9, 58-65, 2016. Disponível em: <https://piseagrama.org/modos-quilombolas/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos*: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, José Henrique de Freitas; RISO, Ricardo. *Afro-Rizomas na Diáspora Negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013.

SILVA, Daviane Moreira e. *No ritmo da lapassada*: leituras do projeto crítico-literário de Edimilson de Almeida Pereira. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-31072015-102019/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SIMAS, Luiz Antonio. *Fogo no mato*: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

WERNECK, Jurema. *Nossos passos vêm de longe!* Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo, Geneva, 2009.

Recebido em 28/03/2024

Aprovado em 20/02/2025

Declaração de contribuição de cada autor

Declaramos para todos os fins que nós, os autores reconhecemos a autoria no artigo na medida em que buscamos contribuir de maneira substancial e significativa para a crítica literária na encruzilhada da diáspora e principalmente no que diz respeito ao aspecto filosófico do tempo e da ancestralidade na escritura do poeta, ensaísta e ficcionista Edimilson de Almeida Pereira. O projeto em questão que resultou nesse artigo é voltado para o que temos pesquisado sobre ancestralidade e tempo na literatura brasileira contemporânea. A interpretação de dados foi a partir da análise crítica do *corpus* literário, isto é, a obra *O ausente*, de Edimilson de Almeida Pereira. O autor Paulo Petronilio, como orientador da doutoranda, contribuiu no aspecto epistemológico, onde tratou de conceitos ligados ao tempo e à ancestralidade na poética de Edimilson de Almeida Pereira. A autora Adelaide de Paula contribuiu na medida em que ajudou a escrever sobre a teoria do tempo. A autora teve o cuidado de buscar aspectos ligados às entrevistas do autor para fortalecer a discussão proposta. A autora fez uma análise cuidadosa acerca das políticas das citações para verificar se não havia repetições. A redação do artigo foi rascunhada, revisada e escrita a quatro mãos, pelos autores envolvidos. O autor Paulo Petronilio contribui com a revisão cuidadosa do texto, em reflexão crítica atenciosa, em diálogo com a proposta da revista, voltada para a temática da encruzilhada. Ambos os autores revisaram o texto e fizeram as considerações finais retomando a temática central para dar ideia de coesão e coerência. Por fim, foi feita por ambos os autores uma cuidadosa revisão crítica e organização coesa na redação final do artigo, com profundidade teórica e conteúdo intelectual, uma vez que dialoga com filosofias contemporâneas e pós-estruturalistas. Após esse trabalho com a escrita, houve a aprovação final da versão a ser publicada e fomos comunicados da necessidade de fazermos a tradução em inglês. Ambos os autores buscaram juntos a tradução, levando em consideração a fidelidade ao texto. Ainda declaramos que nos responsabilizamos por todos os aspectos do texto, pois trata-se de um olhar original, inédito e de forte contribuição na crítica literária, sobretudo da literatura brasileira contemporânea, (levando em consideração que o autor em questão ainda é pouco explorado e estudado no Brasil). Podemos contar com a exatidão e integridade em todos os aspectos da obra e por fim, reconhecemos a nossa autoria, uma vez que a temática em questão faz parte de uma longa carreira de estudos, seriedade científica e muito amor à pesquisa. No mais, agradecemos mais uma vez pela oportunidade e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo apresenta uma discussão bastante atual e urgente: os estudos de uma epistemologia brasileira a partir da filosofia brasileira. Nesse sentido, a escolha dos estudos do professor, poeta e crítico Edimilson de Almeida Pereira é acertada e contemporânea, sobretudo ao elencar conceitos como os de Orfe(x)u e Exunouveau, fundamentada em sua análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira. A categoria como tempo-espço no objeto literário a partir de um olhar da ancestralidade da cultura afrodiaspórica representa um aspecto inovador e criticamente acertado no artigo, a saber, sua leitura não-cartesiana e, ao mesmo tempo, não dicotômica ocidental. Mas não somente, é apresentado de forma científica e acadêmica a força política que tal filosofia/literatura ocupa no cenário de uma recepção da teoria literária, desconstruindo problemas inerentes ao próprio saber sobre a Literatura Brasileira. Dito isto, sou de parecer favorável à publicação do artigo. APROVADO

Helano Jader Cavalcante Ribeiro – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-0192-0397>; hjcribeiro@gmail.com

Parecer emitido em 22 de abril de 2024.

Parecer II

O artigo submetido apresenta adequação ao tema proposto pela revista, mais especificamente considerando o escopo do dossiê a que ele se dirige. Logo, o objetivo do trabalho é bem-vindo ao dossiê, mas deve ser melhor redigido no título e clarificado nas páginas iniciais do texto. Ou seja: o *corpus* não é explicitado já no título. Além disso, a teoria utilizada para refletir acerca do processo de criação de Edimilson de Almeida Pereira debruça-se sobre a poesia, ao passo que o texto submetido à avaliação concentra esforços em compreender a prosa (*O ausente*) e a ensaística (*Orfe(x)u e Exunouveau*). Teoria e objeto, pois, não são devidamente conectados, a rigor. Mesmo que, em diversos momentos, haja convocação de adequado referencial teórico secundário, notam-se discussões sobre a criação poética que, a rigor, precisariam ser expandidas para o desejável diálogo com o romance e com a ensaística. Seria bem-vindo ao leitor saber, no resumo e na introdução, quais serão os/as autores/as discutidos/as, isto é, teóricos e teóricas que ajudarão a elaborar os argumentos do texto. Seria viável inserir ao menos um recorte de revisão da fortuna crítica. Por outro lado, é preciso reconhecer o sólido e atualizado conhecimento da bibliografia crítica discutida. Logo, este é o ponto alto do estudo: trazer vozes negras que edificaram um pensamento em encruzilhada, para fazer alusão ao texto. Também é preciso sublinhar a originalidade da reflexão proposta no

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (3): e66043p, jul./set. 2025

artigo, se considerarmos os recortes e as aproximações estabelecidos pelos movimentos analíticos do autor / da autora. Vale alterar algumas afirmações generalizantes e sem contextualização adequada, conforme podem ser percebidas em marcações no texto enviado para avaliação. Feitas as adequações, ficará notória a contribuição do artigo para o campo de conhecimento ao qual ele se vincula. O texto, por fim, apresenta clareza, mas peca em aspectos elementares de correção redacional e de formatação. São aspectos passíveis de correção, por certo, e que, uma vez contemplados, elevam imensamente a capacidade comunicativa do artigo. A este respeito, também deixei marcações no texto para que possam ser revistas. CORREÇÕES OBRIGATÓRIAS [Revisado]

Luiz Henrique Silva de Oliveira – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Cefet-MG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1287-5317>; henriqueletras1901@gmail.com

Parecer emitido em 07 de maio de 2024.

Parecer III

Mantenho meu parecer favorável. APROVADO

Helano Jader Cavalcante Ribeiro – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-0192-0397>; hjcribeiro@gmail.com

Parecer emitido em 27 de maio de 2024.

Parecer IV

O artigo submetido apresenta adequação ao tema proposto pela revista, mais especificamente considerando o escopo do dossiê a que ele se dirige. Logo, o objetivo do trabalho é bem-vindo ao dossiê. Houve clarificação dos objetivos, do *corpus* e do referencial teórico nas páginas iniciais do texto. O corpus e o referencial teórico foram explicitados já no título. Além disso, a teoria utilizada para refletir acerca do processo de criação de Edmilson de Almeida Pereira foi revista e adequada à leitura da produção do autor estudado. Teoria e objeto, desta vez, estão devidamente conectados. Afirmações generalizantes e sem contextualização foram refeitas. Considerando as retextualizações promovidas pelo autor do estudo, fica notória a contribuição do artigo para o campo de conhecimento ao qual ele se vincula. APROVADO

Luiz Henrique Silva de Oliveira – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Cefet-MG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1287-5317>; henriqueletras1901@gmail.com

Parecer emitido em 18 de junho de 2024.

Editores responsáveis

Beth Brait

Elizabeth Cardoso

Maria Helena Cruz Pistori

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (3): e66043p, jul./set. 2025

Todo conteúdo de *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso está sob Licença Creative Commons CC - By 4.0

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara